



UFRJ



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DIASSISTÊMICA E MULTILINGUISMO: UM
ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO EM ILA DE BRASILEIROS**

VITOR LUIZ VIEIRA DA SILVEIRA

**RIO DE JANEIRO
2022**

**GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DIASSISTÊMICA E MULTILINGUISMO: UM
ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO EM ILA DE BRASILEIROS**

VITOR LUIZ VIEIRA DA SILVEIRA

**Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras na habilitação Português-Inglês.**

Orientador: Prof.º Dr.º Roberto de Freitas Jr.

**RIO DE JANEIRO
2022**

Vitor Luiz Vieira da Silveira

Gramática de Construções Diassistêmica e Multilinguismo: um estudo sobre a produção em ILA de brasileiros

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Inglês.

Aprovado em: 02/03/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto de Freitas Jr. (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Priscilla Mouta Marques
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2022

Ficha Catalográfica

SILVEIRA, Vitor Luiz Vieira da. **Gramática de Construções Diassistêmica e Multilinguismo: um estudo sobre a produção em ILA de brasileiros.**
Rio de Janeiro: UFRJ, 47f. Agosto / 2022.

DEDICATÓRIA

Aos profissionais da educação que lutam por
um mundo mais justo e menos desigual.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Gilberto e Guaraciara, agradeço pela educação, amor e cuidado, e por não medirem esforços para me garantir o melhor sempre. Vocês foram essenciais na minha formação!

Às minhas irmãs, Luana e Ariela, agradeço pelo carinho, pelo apoio e por nunca duvidarem do meu potencial. O irmão caçula aqui aprendeu muito com vocês. Obrigado!

Aos meus amigos queridos, em especial ao Marcos e a Kelly, agradeço pelo apoio, pela troca, pelas conversas enriquecedoras e por me ensinarem a vida de outras perspectivas.

Ao meu namorado, Romário, agradeço pela parceria, pela escuta ativa e por sempre me encorajar a seguir em frente.

Ao meu orientador, professor Roberto, agradeço pela orientação e contribuição na produção desta monografia e pela paciência e compreensão nos momentos que me faltaram fôlego.

À professora Priscilla, agradeço pelas aulas incríveis de linguística IV que me motivaram a embarcar nessa jornada na área da Linguística.

Ao meu coorientador, professor Dennis, agradeço pela ajuda com os primeiros passos dessa pesquisa.

Aos profissionais de saúde mental, principalmente aquelas que acompanharam minha trajetória de perto, agradeço por me auxiliarem no desenvolvimento da minha autonomia, autoconfiança e perseverança frente aos desafios da vida acadêmica.

Por fim, agradeço aos professores e professoras que fizeram parte de todo o meu processo educacional pelos ensinamentos e experiências. Sem vocês eu não teria chegado aqui!

Ninguém nasce feito, é experimentando-nos
no mundo que nós nos fazemos.

– Paulo Freire

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é analisar, formal e funcionalmente, usos agramaticais das diaconstruções [(X)VSN] e [(X)VauxVppSN] como em "*Yesterday, happened an accident*" e "*It was confirmed the exam results*", emergentes em textos em inglês como língua adicional (ILA) de brasileiros. Portanto, ao considerar a formação de um *constructicon* multilingue, no qual construções diassistêmicas tendem a abarcar informações gerais de construções específicas de cada língua, pretendemos verificar se, durante o processo de uso/aprendizagem de ILA, falantes nativos do português brasileiro recorrem às diaconstruções [(X)VSN] e [(X)VauxVppSN] formadas à partir de idioconstruções da L1 e da L2, produzindo, possivelmente, orações agramaticais com sujeito posposto em ILA. Para isso, analisaremos, especificamente, dados com os verbos *to exist*, *to seem*, *to occur*, *to happen* e *to appear* e orações passivas VS, que emergem na produção em ILA de brasileiros. A metodologia da pesquisa consiste na análise de dados provenientes de testes de aceitabilidade (experimento *offline*), aplicados no período de 2019 a 2020 a alunos de níveis mais básicos e mais avançados do CLAC-UFRJ. A abordagem teórica utilizada no trabalho é a da Gramática de Construções Diassistêmica, um modelo teórico associado à Gramática de Construções Baseada no Uso (cf. BYBEE, 2006; 2010; GOLDBERG, 2006; PEREK, 2015; TROUSDALE, 2013; HÖDER, 2012; 2014; 2018; FREITAS et alli, 2018). Essa abordagem assume, de modo geral, que o conhecimento linguístico de falantes bilíngues/multilíngues configura-se em um repositório estruturado de construções diassistêmicas (não-específicas), as diaconstruções, e construções idiossincráticas (específicas), as idioconstruções. Tal repertório é construído e organizado com base no *input* multilingue disponível através da formação da interlíngua e de processos cognitivos de domínio geral, como a analogia e a categorização.

Palavras-chave: multilinguismo; bilinguismo; aquisição de L2; cognição multilingue; diaconstrução; construção de estrutura argumental.

ABSTRACT

The general objective of this paper is to analyze, formally and functionally, ungrammatical uses of the diaconstructions [(X)VSN] and [(X)VauxVppSN] as in "*Yesterday, happened an accident*" and "*It was confirmed the exam results*", emerging in texts in English as an additional language (ILA) by Brazilians. Therefore, considering the formation of a multilingual construction, in which diassystemic constructions tend to encompass general information of specific constructions of each language, we intend to verify if native speakers of Brazilian Portuguese resort to diaconstructions [(X)VSN] and [(X)VauxVppSN] formed from both L1 and L2 idioconstructions during the process of use/learning of ILA, possibly producing ungrammatical clauses with postponed subject in ILA. For this, we will specifically analyze data with the verbs *to exist*, *to seem*, *to occur*, *to happen* and *to appear* and passive clauses VS, which emerge in the production in ILA of Brazilians. The research methodology consists of the analysis of data from acceptability tests (offline experiment), applied from 2019 to 2020 to students of the most basic and more advanced levels of CLAC-UFRJ. The theoretical approach used in the work is the Diasystemic Construction Grammar, a theoretical model associated with the Usage-Based Construction Grammar (cf. BYBEE, 2006; 2010; GOLDBERG, 2006; PEREK, 2015; TROUSDALE, 2013; HÖDER, 2012; 2014; 2018; FREITAS et al, 2018). This approach generally assumes that the linguistic knowledge of bilingual/multilingual speakers is configured in a structured repository of diassystemic (non-specific) constructions, the diaconstructions, and idiosyncratic (specific) constructions, the idioconstructions. Such a repertoire is constructed and organized based on the multilingual input available through interlanguage formation and domain-general cognitive processes such as analogy and categorization.

Keywords: multilingualism; bilingualism; L2 acquisition; multilingual cognition; diaconstruction; argument structure construction.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Esquema representativo da relação entre gramática e discurso.....	17
Figura 2-	Esquema representativo da relação taxonômica entre construções de modificação verbal.....	23
Tabela 1-	Construções de Estrutura Argumental em inglês.....	26
Quadro 1-	Situações de contato linguístico.....	32
Figura 3-	Esquemas representativos da visão tradicional e da visão da GCxD sobre o conhecimento multilíngue.....	34
Tabela 2-	Resultado de aceitabilidade das sentenças do Teste 1.....	38
Tabela 3-	Resultado de aceitabilidade das sentenças do Teste 2.....	40

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CCS-UFRJ	Centro de Ciências da Saúde da UFRJ
CLAC-UFRJ	Curso de Línguas Aberto a Comunidade da UFRJ
GCxD	Gramática de Construções Diassistêmica
Foc	Focalização
GC	Gramática de Construções
GCBU	Gramática de Construções Baseada no Uso
GU	Gramática Universal
IL2	Inglês como segunda língua
ILA	Inglês como língua adicional
L1	Língua 1/ Primeira língua
L2	Língua 2/ Segunda língua
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso
OSV	Objeto Sujeito Verbo
PB	Português brasileiro
PCDG	Processos Cognitivos de Domínio Geral
SP	Sintagma preposicional
SN	Sintagma nominal
SV	Sintagma verbal
SVO	Sujeito Verbo Objeto
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
VS	Verbo Sujeito

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: OBJETIVOS E HIPÓTESE.....	13
CAPÍTULO 2: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	15
2.1 A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).....	15
2.2 Gramática de Construções (GC).....	18
2.3 Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU).....	21
2.4 Construções de Estrutura Argumental na perspectiva da GCBU.....	23
2.5 GCBU e aquisição de L1 e L2.....	27
2.6 Gramática de Construções Diassistêmica (GCxD).....	30
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA.....	35
CAPÍTULO 4: ANÁLISE E RESULTADOS.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE 1.....	46
APÊNDICE 2.....	47

Introdução

Uma vez que a maior parte da população mundial faz uso de mais de uma língua para estabelecer comunicação em suas diferentes interações sociais, estima-se que, atualmente, o bilinguismo ou multilinguismo constitui a experiência habitual do dia a dia da maioria dos falantes e comunidades ao redor do mundo (DUTCHER, 1994; WORLD BANK, 1995). Entretanto, apesar de muitos indivíduos crescerem aprendendo duas ou mais línguas simultaneamente durante o período da infância, a maioria dos falantes multilíngues adquire uma segunda língua em momentos tardios de suas vidas por motivos diversos: seja para se destacar no mercado de trabalho, ampliar o repertório cultural ou até mesmo para ter mais facilidade de acesso à informação. Independentemente das razões pelas quais indivíduos aprendem outras línguas, é importante ressaltar o fato de que o contato linguístico sempre foi, e ainda é, experienciado pela maioria dos falantes, tanto no nível individual como no coletivo, o que estabelece o fenômeno do multilinguismo como a regra, ao invés da exceção, na maioria das sociedades ao redor do mundo (HÖDER, 2018).

No entanto, embora o contato entre línguas seja amplamente reconhecido como a realidade da maioria de falantes e comunidades existentes, teorias linguísticas tradicionais que se debruçam sobre o fenômeno compreendem a representação cognitiva da gramática do ponto de vista de falantes multilíngues como um sistema bipartido e não interativo. Em outras palavras, segundo a visão tradicional, o conhecimento multilíngue seria adquirido e estruturado a partir da soma de sistemas linguísticos monolíngues completamente independentes e que não interagem entre si. Isso quer dizer que o processo de aprendizagem de uma segunda língua (L2) implicaria o armazenamento, processamento e uso de uma gramática isolada e distinta da primeira língua (L1). Contudo, estudos mais recentes argumentam, com base em evidência empírica, que o contato entre línguas impacta diretamente a estrutura gramatical dos falantes e que o conhecimento multilíngue consiste, na verdade, em um repertório linguístico unificado e formado por construções específicas de cada língua ou variante (idioconstruções) e por construções não-específicas (diaconstruções) (HÖDER, 2012; 2014; 2018; 2020). Considerando essa última perspectiva, esta pesquisa visa responder a seguinte questão: De que maneira o contato linguístico impacta a representação gramatical de falantes nativos de português brasileiro aprendizes de inglês como língua adicional (ILA)?

A partir desse questionamento, o presente trabalho busca medir e investigar, com base nos pressupostos dos modelos teóricos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) e da Gramática de Construções Diassistêmica (GCxD), a produção e a aceitabilidade de cláusulas agramaticais de ordenação VS em inglês como "*Yesterday, happened an accident*" e "*It was confirmed the exam results*" que, supostamente, instanciam as diaconstruções [(X)VSN] e [(X)VauxVppSN] que são, hipoteticamente, representadas no *constructicon* multilíngue dos sujeitos em questão. Para tal investigação, buscaremos analisar os resultados de um experimento psicolinguístico *offline* de caráter qualitativo realizado com alunos do CLAC-UFRJ de níveis distintos de proficiência em inglês.

Com isso, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, descrevemos os objetivos gerais e específicos que esperávamos alcançar através dos resultados do experimento, bem como a hipótese central da pesquisa. Já no segundo capítulo, fazemos um apanhado geral do referencial teórico que embasa este trabalho, como os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e dos modelos gramaticais da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) e da Gramática de Construções Diassistêmica (GCD). No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia desenvolvida para a realização do experimento e em seguida, no quarto capítulo, analisamos e discutimos os resultados com base nos pressupostos teóricos que orientam este trabalho. Por último, finalizamos o texto com algumas considerações finais sobre as evidências levantadas através dos resultados do experimento desta pesquisa.

Capítulo 1: Objetivos e Hipótese

Esta pesquisa tem como principal objetivo a investigação de construtos das diaconstruções [(X)VSN] e [(X)VauxVppSN] que, hipoteticamente, emergiriam no *constructicon* multilíngue (HÖDER, 2018) de falantes brasileiros aprendizes de inglês como língua adicional (ILA) e, conseqüentemente, levariam a produção de usos não nativos caracterizados como agramaticalidades na língua inglesa. Tais usos agramaticais em IL2 de brasileiros foram, primeiramente, evidenciados no *corpus* utilizado no trabalho de Freitas (2011) e podem ser observados na sentenças em negrito a seguir:

1. ***It occurred a non-release of the final stop [d], so it was produced as [en].***

2. ...but in <until> and <formal> *occurs a vocalization of the lateral alveolar appearing [w] in the coda position.*
3. The objective of this work is an analysis of my speech and how the words are produced, pointing the difference between a foreign English speaker and the American Standard English Pronunciation. *It was used a pronunciation dictionary* to transcribe the original text that was base to check the data of my speech.

Com base nos exemplos acima, percebe-se que todas as orações destacadas configuram estruturas monoargumentais e ocorrem na ordem sintática Verbo-Sujeito (VS), tanto na voz ativa quanto na passiva. Entretanto, sabe-se que as possibilidades usuais dessas orações com sujeito pleno no inglês ocorreriam, na verdade, na ordem Sujeito-Verbo (SV). Isso poderia indicar que, no uso de inglês como L2 por falantes brasileiros, haveria interferência de construções específicas do PB, que aqui chamamos de [(X)VSN]foc e [(X)VauxVppSN]foc. De acordo com os trabalhos funcionalistas desenvolvidos por Freitas (2006, 2011), essas construções seriam formadas por um sintagma ou conjunção adverbial na posição de *X*, verbos monoargumentais como *acontecer*, *correr*, *chegar* e demais verbos na voz passiva na posição de *V*, e um sintagma nominal [-] agentivo na posição do *SN*. Já no nível do sentido, tais construções cumpririam um papel pragmático-discursivo relacionado à informatividade, representando o caráter [+focal] do elemento *SN* ou de toda a construção. Os exemplos a seguir ilustram a estruturação dessas construções:

- **Na época aconteceu uma coisa engraçada:** a Polygram queria me levar pra lá. (Corpus do Português)
- **Quando a entrevista foi publicada, correu o boato de que o pintor tinha ficado fascinado pela beleza de M.** (Corpus do Português)
- **Em dezembro de 2013, foi apresentado o pedido para a liberação de e-mails enviados e recebidos pela secretária** num único dia e só num intervalo de 15 minutos. (O Globo, 10/05/2015).

Por outro lado, além da ordem VS indicada nos exemplos enumerados anteriormente, também é possível notar, nas sentenças (1) e (3), o uso do pronome referencial *It* na posição de sujeito à esquerda dos verbos. Por hipótese, defendemos que esse uso específico possa ser um

indicativo de uma supergeneralização dos padrões de uso do sujeito não referencial das cláusulas gramaticais de sujeito extraposto e de orações meteorológicas que instanciam a suposta idioconstrução [it(VS)] do inglês como ilustram os exemplos abaixo:

4. [it Vaux Vpp that SV]

"It was said that a large part of civil society still does not take part in consultations, even if they then express reservations."

5. [it SVFMet]

"The roads become impassable when it rains, and full of ice patches when it snows."

6. [it Vcop SAdj SVINF]

"It is important to ensure the free movement of products."

Por isso, levando-se em consideração que esses usos podem demonstrar a representação gramatical de falantes brasileiros aprendizes de inglês como língua adicional, partimos da hipótese de que sua cognição multilingue realize, principalmente nos primeiros estágios de aquisição de L2, um processo de supergeneralização de informações de forma e/ou função das idioconstruções [(X)VSN]foc e [(X)VauxVppSN]foc do PB e a idioconstrução [it[V(S)]] do inglês. Sendo assim, buscamos investigar a emergência e a aceitabilidade de dados agramaticais resultantes do processo de links diassistêmicos entre as idioconstruções [(X)VSN]foc/[(X)VauxVppSN]foc e [it[V(S)]] que contribuem para a formação das diaconstruções [(X)VSN] e [(X)VauxVppSN] na gramática multilingue de falantes brasileiros aprendizes de inglês como língua adicional (ILA).

Capítulo 2: Pressupostos Teóricos

2.1 A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

Esta pesquisa utiliza pressupostos teóricos da Linguística Cognitivo-Funcional ou Funcional Centrada no Uso (LFCU), uma abordagem teórico-metodológica fundamentada na corrente da Linguística Cognitiva no Funcionalismo Norte-americano que se destacou nos Estados Unidos a partir dos anos de 1970. Em contraposição à postura formalista que, até então, dominava os estudos linguísticos da época, a LFCU surge como uma abordagem que possui

como principais tendências a observação e a descrição da língua pela perspectiva da situação extralinguística e do contexto discursivo, ou seja, nesta abordagem linguística, a função comunicativa tende a ser privilegiada em detrimento da estrutura gramatical.

Em outras palavras, a LFCU defende que o conhecimento linguístico não constitui um conhecimento autônomo e independente do uso efetivo da língua, isto é, a gramática deve ser entendida como emergente (HOPPER, 1998) e advinda das necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, ou ainda, como um sistema adaptativo (DU BOIS, 1985) que atua como um organismo mutável e dinâmico que é constantemente moldado a partir do uso em situações reais de comunicação nas quais os falantes são inseridos ao longo da vida. Portanto, para a LFCU, a língua não é compreendida como uma predisposição genética, ou um conhecimento à priori e inato ao ser humano, mas como um conhecimento que emerge e é sistematizado pelo uso.

Considerando que o nosso conhecimento de língua emerge das nossas experiências linguísticas, quando interagimos socialmente em contextos reais de uso, Ford, Fox e Thompson (2003:119) afirmam que:

As gramáticas das línguas são “um conjunto minimamente ordenado e organizado de memórias sobre o que as pessoas ouvem e repetem ao longo de uma vida de uso da linguagem, um conjunto de formas, padrões e práticas que surgem para servir às funções mais recorrentes que os falantes precisam cumprir” (Ford, Fox, Thompson 2003:119).

Tendo em vista esse entendimento, fica evidente que um método de observação e descrição da língua que pressuponha uma distinção categórica entre a estrutura linguística e seu uso nas diferentes situações de comunicação não corresponde à realidade gramatical do falante, visto que “as regras mudam e a mudança se manifesta no uso e por ele se motiva” (MARTELOTTA, 2011:16). Dito de outro modo, ao contrário do que se postulava nas teorias formalistas, como o Gerativismo, existe, na verdade, uma relação de retroalimentação entre o conhecimento gramatical que é mentalmente estruturado e processado pelo falante e o discurso que o motiva. Esse processo pode ser ilustrado no esquema a seguir:



Figura 1. Esquema representativo da relação entre gramática e discurso.

Outro ponto similar abordado pela LFCU é a questão da *iconicidade*, ou motivação, da estrutura gramatical. Afinal, por que usamos uma forma específica para expressar determinado sentido e não outra? Enquanto as teorias estruturalistas defendiam a relação arbitrária entre a *imagem acústica* (significante) e o *conceito* que ela reflete (significado), e entendiam essa relação, portanto, como uma correspondência relativamente convencionalizada através de nossas práticas culturais, a LFCU compreende essa mesma correlação como motivada e natural, não somente por aspectos socioculturais, mas também por fatores de ordem cognitiva. Por esta razão, a LFCU também defende o princípio da não-sinonímia, ou seja, “se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta” (GOLBERG, 1995, p. 67). Tomemos como exemplo as seguintes sentenças:

- a) João comprou uma bola.
- b) Foi uma bola que João comprou.

Embora sejam, aparentemente, equivalentes de um ponto de vista semântico por representarem a conceptualização do mesmo significado literal (a aquisição de uma bola por João), essas sentenças não são usadas por falantes do Português Brasileiro nos mesmos contextos de comunicação. Portanto, além de serem formalmente distintas, elas também não possuem a mesma função pragmática. A sentença (b), por exemplo, reflete um padrão de estrutura argumental não-canônico do PB (OSV), usual em uma situação específica na qual ela poderia funcionar como resposta à seguinte pergunta: *O João comprou uma bola ou um carro?* Nesse contexto, o termo "uma bola" apresentaria *status* de informação dada, ou seja, informação que já foi mencionada e compartilhada pelos interlocutores anteriormente. Por isso, no exemplo (b), o termo "uma bola" é estrategicamente focalizado ao ocupar a posição de tópico na sentença em

questão. Esse exemplo demonstra que as diferenças formais entre construções similares refletem estratégias de natureza discursivo-pragmática utilizadas pelos falantes a fim de obter seus objetivos comunicativos.

Levando-se em consideração todos os aspectos apresentados até aqui, é possível afirmar que a LFCU trata-se, portanto, de uma abordagem teórica e metodológica que busca descrever e explicar o funcionamento das línguas humanas e de suas respectivas estruturas linguísticas para além de suas propriedades formais, considerando, igualmente, seus aspectos discursivos e pragmáticos em sua análise. Mas afinal, o que constitui o saber de uma língua? E de que modo aprendemos e organizamos uma língua mentalmente? Ou ainda, o que sabemos quando sabemos/usamos mais de uma língua? Essas são algumas questões que serão discutidas mais a fundo nas seções a seguir.

2.2 Gramática de Construções (GC)

Na tentativa de responder às questões colocadas ao final da seção anterior, muitas correntes linguísticas buscam desenvolver modelos de representação do conhecimento gramatical com base nos seus respectivos pressupostos teóricos. No campo da linguística cognitivo-funcional, por exemplo, destaca-se a Gramática de Construções (GC). Porém, a GC deve ser entendida aqui como "um arquimodelo genérico caracterizado pela hipótese de que o conhecimento linguístico tem o formato de uma rede de unidades simbólicas" (PINHEIRO, 2016). Trata-se, portanto, de um macrorótulo que engloba modelos gramaticais mais específicos como a Gramática de Construções Cognitiva (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT & CRUSE, 2004), a Gramática de Construções Radical (CROFT, 2001) e a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991, 2005), para citar alguns modelos que se alinham aos princípios teóricos da tradição da linguística cognitivo-funcional. A esse conjunto de modelos geralmente é designado o rótulo de Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU).

Contudo, antes de nos aprofundarmos nas especificidades que compõem o modelo gramatical da GCBU, há de se reconhecer, primeiramente, a existência de princípios fundamentais que formam a base teórica de todos os modelos gramaticais abarcados pela Gramática de Construções (GC), sejam eles de natureza formalista ou cognitivo-funcional. Em primeiro lugar, a GC defende, de modo geral, que o conhecimento gramatical de todo e qualquer falante consiste em um repositório mentalmente estruturado de construções gramaticais. Do

ponto de vista da teoria construcionista, uma construção gramatical é definida como a unidade básica e simbólica da gramática que se configura como um pareamento convencionalizado de forma e significado (LAKOFF 1987, FILLMORE, KAY, and O'CONNOR 1988, GOLDBERG 1995, 2006). Em outras palavras, esse pareamento pode ser entendido como uma correspondência entre informações de forma, ao incluir propriedades de natureza lexical, fonológica, morfológica e sintática, e informações de significado, que inclui propriedades semânticas, discursivas e pragmáticas e funcionais (CROFT, 2001). Por exemplo, a construção lexical *cadeira* ao mesmo tempo que exhibe a forma fonológica /ka.'dej.ra/, também comporta a informação semântica do conceito mental de cadeira (i.e. peça de madeira, metal ou plástico, que constitui peça de mobília e que consiste em um assento para uma pessoa, comumente portátil, com quatro pernas e espaldar com ou sem braços¹).

Entretanto, além de considerar itens lexicais como construções gramaticais por sua evidente correspondência entre forma e significado, a teoria construcionista também inclui padrões linguísticos mais abstratos ou esquemáticos. Isso quer dizer que as construções gramaticais que formam nosso *constructicon* variam em diferentes níveis de esquematicidade (HILPERT, M., & DIESSEL, H. 2017) e estabelecem, entre si, relações taxonômicas, ou seja, "relações de associação entre construções mais específicas/concretas e construções mais gerais/abstratas" (PINHEIRO, 2016). Tomemos como exemplo as palavras *rearrumar*, *refazer* e *reorganizar*. À primeira vista, poderíamos dizer que se tratam de palavras relativamente distintas por conta de algum aspecto de suas formas e/ou significados. Porém, se as analisamos sob uma perspectiva construcionista, perceberemos que elas possuem aspectos formais e funcionais em comum, pois se tratam, na verdade, de instâncias de um mesmo padrão (i.e. construção) morfológico bastante usual no Português Brasileiro. No nível da forma, portanto, essa construção poderia ser representada pelo seguinte esquema: RE + BASE VERBAL. Já no nível do sentido, a mesma se caracterizaria por expressar a ideia de repetição de um evento (PINHEIRO, op. cit.).

De maneira análoga, a teoria construcionista busca estender essa análise a construções ainda mais esquemáticas para tentar dar conta da totalidade do conhecimento linguístico humano. Por exemplo, o esquema sintático semipreenchido QUE MANÉ X funciona no PB como uma unidade simbólica responsável por instanciar sentenças do tipo a) *que mané férias!*, b) *que mané viajar!*, e c) *que mané ficar em casa lendo livro!*. De modo similar, padrões totalmente esquemáticos também produzem regularidades formais e semânticas mesmo não havendo

nenhuma compatibilidade fonológica entre suas instâncias. Sentenças como *a) Diego chutou a bola, b) Pedro beijará Maria, e c) Marcos arrancou o adesivo*, por exemplo, podem ser indicadas como instâncias de uma construção de estrutura argumental cuja a forma representacional SUJEITO VERBO OBJETO (SVO) evoca "uma cena genérica na qual um agente atua diretamente sobre um paciente" (PINHEIRO, 2016).

Em suma, diferentemente da teoria gerativista que dicotomizava o conhecimento linguístico entre componente lexical (i.e. *cadeira*) e componente gramatical (i.e. *SVO*) como duas partes divisíveis de um todo, a GC parte de uma relação integrativa na qual os limites entre léxico e gramática se dissolvem, privilegiando-se o formato bidimensional do léxico. Nesse sentido, segundo o modelo representacional da GC, tanto idiosincrasias lexicais quanto generalizações gramaticais exibem a mesma configuração: "uma unidade simbólica que associa diretamente informações de forma (fonologia segmental, morfossintaxe, prosódia) a informações de significado (semântica, pragmática)" (PINHEIRO, 2016). Isso significa que os objetos linguísticos resultantes dos níveis de análise sugeridos por abordagens gramaticais tradicionais, desde o nível fonético-fonológico até o nível semântico-pragmático, seriam representados pela GC como construções gramaticais de cima abaixo (*constructions all the way down*), ou seja, pareamentos de forma e significado.

Vale ressaltar, entretanto, que o conhecimento linguístico de qualquer falante não se constitui em uma lista de unidades simbólicas dissociadas e independentes entre si. Pelo contrário, a representação mental do *constructicon* exibe formato de uma rede bem estruturada na qual construções gramaticais se interconectam através de diversos links associativos de natureza formal e/ou funcional. Desta maneira, a construção semi-esquemática PINTAR + OBJETO e a construção concreta "pintar o sete", por exemplo, poderiam ser representadas como "construções interconectadas sob a forma de uma relação taxonômica em que a construção 'pintar o sete' (mais concreta) se apresenta como uma especificação de PINTAR + OBJETO (mais abstrata)" (PINHEIRO, 2016).

Por fim, para que o falante seja capaz de produzir e compreender enunciados linguísticos, é necessário que ele acesse e integre mentalmente diferentes tipos de construções gramaticais. Por exemplo, a sentença "Meu vizinho viu a árvore?", ao mesmo tempo que descreve uma cena transitivo-agentiva, também expressa um ato ilocucionário de pergunta e evidencia formas fonológicas tangíveis. Sendo assim, a sentença seria estruturada pelo falante a partir do

processamento e da combinação entre a construção SVO, a construção de curva entoacional ascendente, e também construções concretas como “meu”, “vizinho”, “viu” etc., visto que o conhecimento linguístico envolve não apenas generalizações mas também idiossincrasias. Além disso, um aspecto essencial do processo de produção e compreensão de enunciados linguísticos é a compatibilidade entre as propriedades gramaticais das construções a serem integradas. A formação de uma sentença como **a doctor is medical*, por exemplo, resultaria em uma sentença agramatical uma vez que, na língua inglesa, a construção [NP + CopVerb + PAdj] exige que adjetivos que identificam a referência do próprio substantivo não ocorram depois do verbo cópula, ou seja, na posição predicativa. Dessa forma, o processo de formação de enunciados linguísticos requer que o falante perceba a compatibilidade entre as especificações de forma e sentido das construções e aplique esse conhecimento ao procedimento de integração construcional.

2.3 Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU)

No que diz respeito à Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), existem alguns aspectos específicos que caracterizam esse modelo gramatical. De acordo com Pinheiro (2016), a hipótese baseada no uso parte de duas premissas básicas que fundamentam e diferenciam a GCBU dos demais modelos: "(i) não existe nenhum conteúdo sintático inato, de modo que a totalidade do conhecimento linguístico terá de ser construída a partir do input, e (ii) a experiência com o input linguístico afeta continuamente o conhecimento internalizado, moldando-o ao longo de toda a vida do falante." (PINHEIRO, 2016). Em outras palavras, a GCBU defende que toda experiência proporcionada pelo uso de uma língua em interações comunicativas impactaria e construiria, de forma contínua, a representação gramatical dessa língua na mente do falante. E nesse movimento de emergência da gramática, os processos cognitivos de domínio geral (PCDG), como armazenamento mnemônico rico, analogia, associação transmodal e, principalmente, categorização (BYBEE, 2016), possuem um papel fundamental, pois é a partir deles que as construções se estruturam como categorias mentalmente armazenadas e representadas em diferentes níveis de abstração. Assim, uma criança iniciaria seu processo de aquisição linguística armazenando e reproduzindo sequências pré-fabricadas de palavras para, em seguida, através da percepção de similaridades entre essas sequências,

generalizar padrões cada vez mais abstratos (PINHEIRO, 2016). Tendo em vista esses pressupostos, Goldberg (2006, p. 5) utiliza os seguintes critérios para definir uma construção gramatical:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não possa ser inteiramente previsto a partir de suas partes componentes ou de outras construções já estabelecidas. Adicionalmente, mesmo padrões inteiramente previsíveis podem ser armazenados, desde que ocorram com frequência suficiente. (Goldberg, 2006, p.5)

A fim de tornarmos esta definição mais clara, pensemos na seguinte manchete de uma pesquisa divulgada pela BBC Brasil: “Canhotos pensam mais rápido”. Sabe-se que é bastante improvável que essa mesma sequência esteja armazenada, de maneira independente, no nosso *constructicon* enquanto falantes do PB. Na realidade, sob a ótica da GCBU, para que nós consigamos produzir e/ou compreender esse enunciado, é necessário que acessemos algumas construções já estabelecidas na nossa rede representacional. Por exemplo, a construção [*sujeito + predicado*] que descreve o ser sobre o qual se declara algo e o que se declara a respeito do sujeito (canhotos + pensam mais rápido), a construção [*verbo + modificador*] que descreve o modo como o sujeito desempenha a ação (pensam + rápido), e as construções mais concretas como “canhotos”, “pensam”, “mais”, “rápido” (poderíamos incluir até mesmo a construção morfológica de número-plural em “canhotos” e “pensam”, e a construção morfológica de presente simples em “pensam”). Logo, o padrão linguístico “canhotos pensam mais rápido” não constitui uma construção gramatical, visto que seu processamento envolve a aplicação de outras construções já armazenadas. No entanto, conforme a segunda parte da definição de Goldberg (2006, p.5), se essa mesma sequência se tornasse suficientemente frequente no nosso uso, ela acabaria sendo diretamente representada em nossa memória como uma construção independente.

Além disso, sobre o exemplo utilizado acima, podemos identificar na sequência “pensam mais rápido”, o uso de uma construção geral de modificação verbal utilizada por falantes do PB. Segundo Pinheiro (2016), em níveis abaixo dessa construção inteiramente abstrata haveria subpadrões que se adequariam a esse esquema geral, como VERBO + ADVERBIAL (pensar rapidamente), VERBO + ADJETIVO ADVERBIAL (pensar rápido) e VERBO + SP (pensar com rapidez). Essa relação taxonômica pode ser representada com o esquema a seguir:

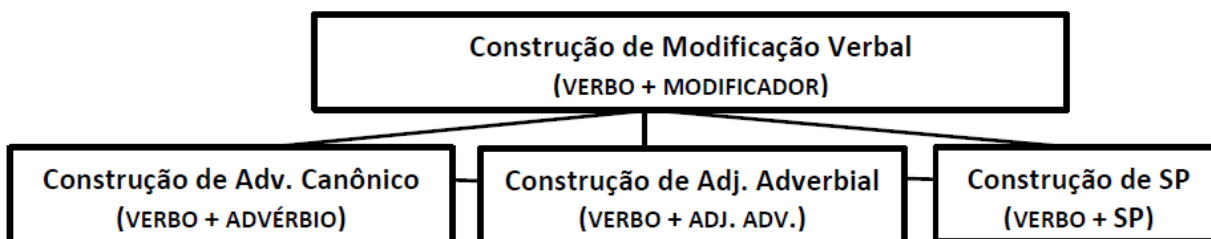


Figura 2. Esquema representativo da relação taxonômica entre construções de modificação verbal.
(PINHEIRO, 2016)

Contudo, algumas possibilidades de modificação verbal possuem significados não-composicionais, como é o caso da expressão idiomática “Fala sério!”. Sabemos que, ao produzir essa frase, não pretendemos que o outro se expresse com seriedade. Na verdade, quando usamos “Fala sério!”, queremos expressar uma certa insatisfação ou indignação em relação a algo. Logo, apesar da possibilidade de redundância associativa entre essa expressão e as construções de modificação verbal ilustradas acima, o conhecimento construcional de suas partes composicionais não seria suficiente para que o falante pudesse prever seu significado, visto que seu uso envolve especificidades pragmáticas e prosódicas próprias. Desse modo, a expressão “Fala sério!” seria analisada como uma construção independente sob a perspectiva da GCBU, por mais redundante que seu armazenamento possa ser em comparação com as construções mais abstratas de modificação verbal.

Portanto, de maneira sucinta, o modelo gramatical da GCBU descreve o conhecimento linguístico como um inventário de construções gramaticais interconectadas estruturado em formato de rede que é constantemente impactado pela experiência com o uso da língua e construído através de processos cognitivos de domínio geral, o que permite a representação redundante da gramática.

2.4 Construções de Estrutura Argumental na perspectiva da GCBU

A relação que o verbo estabelece com os demais constituintes da sentença tem sido alvo de interesse e investigação de modelos (psico)linguísticos há muitos anos. Do ponto de vista da literatura linguística tradicional, o verbo é a principal categoria gramatical que usamos para construir a significação e a formação de uma sentença. Em outras palavras, a representação lexical do verbo é responsável por projetar e determinar o número e os tipos de argumentos

correspondentes aos participantes do evento descrito pelo constituinte verbal. Para essa perspectiva teórica, conhecida como a visão centrada no verbo, o verbo é o predicador fundamental e determinante da interpretação geral da sentença. Isso significaria dizer que a representação lexical do verbo *give* do inglês, por exemplo, especificaria no mínimo três argumentos: um sujeito, um objeto direto e um objeto indireto, como pode ser demonstrado no exemplo: *Pat gave a cookie to Kim*.

A noção que privilegia o verbo como o elemento essencial da sentença e que o pressupõe como determinante das informações sintáticas e semânticas que o circundam é sustentada por evidências experimentais de pesquisas psicolinguísticas como a de Healy and Miller (1970). Neste estudo, as autoras realizaram um experimento que consistia na análise comparativa da relativa contribuição de verbos e argumentos-sujeitos para a construção do sentido geral da sentença. Foram construídas 25 sentenças que cruzavam 5 argumentos-sujeitos (*the salesman, the writer, the critic, the student, the publisher*) 5 verbos (*sold, wrote, criticized, studied, published*) e 1 argumento-paciente (*the book*). Os participantes do experimento foram solicitados a agruparem as sentenças de acordo com a correspondência de sentido entre elas. Ao final, os resultados apontaram para uma maior tendência de agrupamento de sentenças que possuíam o mesmo verbo do que sentenças que possuíam o mesmo argumento-sujeito. Com isso, concluiu-se que o verbo, dentre todos os constituintes, era o principal determinante do sentido da sentença.

No entanto, duas observações importantes precisam ser levadas em conta. A primeira diz respeito à possibilidade de verbos ocorrerem em mais tipos de estruturas argumentais do que é tradicionalmente estimado (GOLDBERG, 1995; RAPPAPORT HOVAC, & LEVIN, 1998). Goldberg and Bencini (2000) mostram, por exemplo, que o verbo *kick*, embora seja considerado um verbo prototipicamente transitivo, pode ocorrer em pelo menos oito padrões de estrutura argumental. As frases a seguir exemplificam esses padrões:

1. *Pat kicked the wall.*
2. *Pat kicked Bob black and blue.*
3. *Pat kicked the football into the stadium.*
4. *Pat kicked at the football.*
5. *Pat kicked her foot against the chair.*
6. *Pat kicked Bob the football.*
7. *Horses kick.*
8. *Pat kicked his way out of the operating room.*

De acordo com as autoras, as sentenças acima representam uma variedade de tipos de evento que incluem ação transitiva simples (1), mudança de estado causada (2), movimento causado (3), tentativa de ação (4), transferência (6) e movimento do referente sujeito (8) (BENCINI, G., & GOLDBERG, A., 2000).

A segunda observação relaciona-se ao fato de que as distinções entre configurações de estrutura argumental estão associadas a variações sistemáticas de sentido (ANDERSON, 1971; BORKIN, 1974; FILLMORE, 1968; PARTEE, 1965; WIERZBICKA, 1988). Se considerarmos os exemplos de alternâncias dativas abaixo (1) e (2), podemos observar que a estrutura argumental bitransitiva exige que o objeto-alvo seja animado, o que não é o caso na sentença 2b (BENCINI, G., & GOLDBERG, A., 2000)

1. a. *I brought a glass of water to Pat.*
b. *I brought Pat a glass of water (bitransitiva).*
2. a. *I brought a glass of water to the table.*
b. **I brought the table a glass of water (bitransitiva).*

Para dar conta de explicar essas variações, a linguística gerativista sugere *a abordagem de múltiplo sentido* que propõe a atribuição de um sentido verbal diferente para cada configuração de estrutura argumental possível que o verbo ocupar (LEVIN & RAPPAPORT HOVAV, 1995; PINKER 1989), ou seja, as diferentes representações de sentido de cada verbo estariam armazenadas no *lexicon* do falante e seriam selecionadas e aplicadas nos padrões de estrutura argumental apropriados. De maneira alternativa, *a abordagem construcional* (FILLMORE & KAY, 1999; GOLDBERG, 1995; JACKENDOFF, 1997; MICHAELIS & LAMBRECHT, 1996; RAPPAPORT HOVAC & LEVIN, 1998) argumenta a favor do reconhecimento de tipos abstratos de estrutura argumental como unidades linguísticas com seus próprios significados. Segundo Goldberg and Bencini (2000), podem ser identificados pelo menos quatro tipos de padrões de estrutura argumental em inglês como mostra a tabela a seguir:

English Argument Structure Constructions

Construction	Form	Meaning	Example
Transitive	Subject Verb Object	X acts on Y	Pat opened the door.
Ditransitive	Subject Verb Object1 Object2 Subject Verb Object	X causes Y to receive Z	Sue gave her a pen.
Resultative	Complement	X causes Y to become Z	Kim made him mad.
Caused motion	Subject: Verb Object Oblique	X causes Y to move Z	Joe put the cat on the mat.

Tabela 1. Construções de Estrutura Argumental em inglês

Nessa perspectiva, a contribuição da construção de estrutura argumental para o sentido geral da sentença pode corresponder ou não ao sentido protótipo do verbo principal. Na sentença *Sue gave her a pen*, por exemplo, o sentido da construção bitransitiva, isto é, o sentido de transferência (GOLDBERG, 1995; GREEN, 1974; PINKER, 1989), é redundante com o sentido prototípico de transferência do verbo *give*. No entanto, na sentença *Kim kicked Pat the ball*, o sentido expresso pela construção bitransitiva não corresponde exatamente ao sentido prototípico do verbo *kick* (i.e. *Kim kicked the wall*). Nesse caso, enquanto que a construção bitransitiva contribui para o sentido geral de “X faz com que Y receba Z”, o verbo *kick* especifica o modo como a ação de transferência ocorre (BENCINI, G., & GOLDBERG, A., 2000).

Com o objetivo de verificar se construções de estrutura argumental desempenham um papel na determinação do sentido geral da sentença, Goldberg and Bencini (2000) realizaram dois tipos de experimentos similares ao de Healy and Miller (1970). No primeiro experimento, foram usadas 16 sentenças em inglês que cruzavam 4 verbos (*throw*, *slice*, *get* e *take*) com 4 construções de estrutura argumental (*bitransitiva*, *movimento causado*, *resultativa* e *transitiva*). Primeiramente, o grupo de 17 participantes foi solicitado a parafrasear as sentenças para ter certeza de que eles se atentaram aos seus sentidos. Além disso, eles foram informados de que as sentenças que continham aproximadamente as mesmas palavras poderiam ter sentidos muito diferentes como, por exemplo, a sentença *kick the bucket* que, apesar de ser instanciada pela construção transitiva, está mais relacionada ao verbo *die*, que é uma instância da construção intransitiva, do que a sentença *kick the dog*, que também é instanciada pela construção transitiva. Após as instruções, os participantes foram solicitados a agrupar as mesmas sentenças de acordo com seus sentidos gerais em 4 pilhas, cada uma contendo 4 sentenças. Os resultados mostraram que 7 participantes classificaram as sentenças inteiramente por construções de estrutura

argumental, 10 participantes realizaram ordenações mistas, e nenhum participante agrupou as sentenças inteiramente por verbos.

No segundo experimento, o número de participantes, o estímulo e as instruções eram os mesmos que os do experimento 1, com apenas algumas exceções: os participantes foram pagos para realizarem o experimento, foram testados individualmente e nenhum exemplo foi dado durante as instruções. As autoras enfatizaram que não havia resposta certa ou errada e que estavam interessadas em saber como as pessoas classificavam sentenças em inglês com base no significado. Quando os participantes terminaram a classificação eles foram solicitados a descrever brevemente como haviam realizado a classificação e se haviam notado alguma palavra repetida nas sentenças. Os resultados indicaram que sete dos 17 participantes ordenaram por verbo, 6 ordenaram totalmente por construção de estrutura argumental, e 4 realizaram ordenações mistas. Os dados revelaram que, ao contrário do experimento 1, as ordenações estavam igualmente próximas de uma ordenação constitucional e de uma ordenação verbal. Além disso, uma parte dos participantes também foi capaz de fornecer explicações que evidenciavam o tipo de sentido relacional abstrato compartilhado pelas diferentes instanciações de uma construção. Sendo assim, de acordo com as autoras, os resultados desse segundo experimento sugerem que as pessoas provavelmente percebem tanto os verbos quanto as construções como relevantes para interpretar e estabelecer o sentido das sentenças.

De modo geral, o estudo de Goldberg e Bencini (2000) revela que, ao contrário do que é pressuposto por pesquisas psicolinguísticas como a de Healy and Miller (1970), o verbo não é o único determinante do sentido da sentença. Além disso, os resultados também confirmam que construções altamente abstratas de estrutura argumental são categorias emergentes e gramaticalmente representadas na mente de falantes e usadas tanto na produção quanto na compreensão linguística.

2.5 GCBU e aquisição de L1 e L2

No campo da linguística moderna, existem diferentes hipóteses, mais ou menos convincentes, sobre a maneira como seres humanos adquirem uma língua. A primeira delas, defendida pela corrente do estruturalismo americano liderado por Bloomfield (1933), baseia-se na psicologia behaviorista, segundo a qual todos os nossos conhecimentos, incluindo o

linguístico, são adquiridos exclusivamente através de nossas experiências com o meio. Em termos mais específicos, os estímulos provenientes do meio, sejam eles linguísticos ou não, seriam responsáveis por desencadear respostas comportamentais que podem, ou não, ser reforçadas. Isso quer dizer que, durante a aprendizagem de português como língua materna, por exemplo, uma criança pode produzir "ma" após ser estimulada a dizer "mamãe" por sua mãe que, possivelmente, reforçará essa resposta linguística em seguida com alguma demonstração de afeto. A criança, ao notar que seu comportamento verbal gerou reforço positivo, seguirá repetindo "ma" até que finalmente alcance a resposta inicialmente desejada: "mamãe". De acordo com o modelo behaviorista, portanto, a aquisição linguística resultaria do encadeamento "estímulo>resposta>reforço" e teria o meio como fator fundamental no processo.

A segunda hipótese, postulada por Chomsky (1957), emerge como uma rejeição à concepção behaviorista sobre a aquisição da linguagem. Para a hipótese inatista, a abordagem behaviorista, que privilegiava o meio, não seria suficiente para explicar a complexidade de uma língua sob o argumento de que seres humanos possuem a impressionante capacidade de produzir e compreender enunciados nunca antes testemunhados e fazer relações entre seus significados para além dos contextos linguísticos em que são produzidos. Além disso, argumenta-se que crianças, logo nos seus primeiros anos de idade, são capazes de aprender uma dada língua ainda que não haja informações linguísticas suficientes para formar um conhecimento gramatical tão complexo. Nesse sentido, segundo Chomsky (1957), seres humanos já nasceriam dotados geneticamente de uma gramática universal (GU) que atuaria como um dispositivo inato de aquisição de linguagem. Para o teórico, a GU possui uma estrutura bipartida sendo composta por *princípios*, que estabelecem características estruturais em comum entre as línguas, e por *parâmetros*, que explicam as variações possíveis entre elas. Nessa perspectiva, o meio serviria apenas à função de acionar o dispositivo inato de aquisição linguística (GU).

Contudo, o surgimento e o desenvolvimento de teorias que enfatizavam o papel da cognição (GIVÓN, 1995) bem como o da interação social (VYGOTSKY, 1996) no processo de aprendizagem linguística foram essenciais para o embasamento de discussões acerca de uma nova corrente: a linguística cognitivo-funcional (ou Linguística Funcional Centrada no Uso). Em termos gerais, a LFCU postula que a estrutura linguística de uma dada língua é constantemente moldada e reorganizada a partir do seu uso em contextos reais de comunicação. Em outras palavras, a hipótese de aquisição linguística baseada no uso defende que a representação

gramatical estruturada na mente de um falante emerge do uso efetivo da língua (HOPPER, 1998). Nesse sentido, uma criança aprimora sua capacidade linguística à medida que ela percebe que há uma intencionalidade no ato comunicativo dos indivíduos adultos à sua volta e, com isso, passa a categorizar os padrões linguísticos disponíveis no *input* e a reproduzi-los nos mesmos contextos de uso (TOMASELLO, 2003). Isso quer dizer que, para essa abordagem, a compreensão do eu e do outro como agentes intencionais bem como a atuação dos processos cognitivos de domínio geral (PCDG) como analogia, memória e categorização são partes fundamentais do processo de construção do conhecimento linguístico. Em suma, na visão da LFCU, e mais especificamente do modelo gramatical da GCBU, a aquisição de uma L1 implica a emergência de esquemas construcionais como generalizações de sequências lexicais similares através da atuação dos PCDG. Similarmente, em termos de aquisição de L2, também aplicam-se os mesmos processos de percepção e armazenamento de unidades simbólicas, abstração de padrões e formação de categorias linguísticas, conforme explicitado na citação a seguir:

Seja L1, seja L2, em uma abordagem cognitivo-funcional, entende-se que aprender uma língua envolve, essencialmente, perceber e armazenar informações simbólicas (unidades de forma e significado), bem como aprender como tais unidades se combinam e são convencionalmente associadas a determinados contextos discursivos. Notadamente, isso pressupõe que haja processos seriados de generalização de padrões de forma e significado e de seus respectivos componentes pragmáticos, processo que se estabelece mentalmente durante as experiências das crianças, mediadas por *input* da L1, mas que também ocorre com adultos, mesmo em situação de ensino formal. (FREITAS JR, Roberto et al, 2022, p. 606-634)

Entretanto, é importante destacar aqui os impactos consideráveis provocados pela estrutura consolidada da L1 no processo de aquisição da L2, principalmente no que diz respeito aos pressupostos de Goldberg (2019) em relação aos efeitos de idade, do *coverage*, da preempção estatística e da aprendizagem guiada pelo erro. Por exemplo, uma criança aprendiz de L1 é submetida aos efeitos de preempção estatística ao ser exposta aos dados do *input*. Como consequência, ela cria, gradualmente, expectativas sobre as escolhas constitucionais apropriadas a contextos comunicativos específicos e sobre suas possíveis combinações significativas. Além disso, esse efeito também induz a criança aprendiz de L1 a bloquear informações linguísticas menos associadas a esses mesmos contextos comunicativos (FREITAS JR et al, 2022). O processo de aquisição de uma L2, por sua vez, seria afetado pela estrutura altamente

entrincheirada da L1, tornando o aprendiz menos suscetível aos efeitos de frequência, da aprendizagem orientada pelo erro e da preempção estatística. Portanto, de acordo com a GCBU, aprender uma segunda língua envolveria não somente a experiência com os dados advindos da L2, mas também a aplicação do conhecimento construcional advindos da L1 na formação de novas categorias.

2.6 Gramática de Construções Diassistêmica (GCxD)

De maneira um tanto controversa, o contato entre duas ou mais línguas e seus possíveis impactos na cognição humana tem sido uma questão bastante relevante e presente nas discussões atuais acerca da investigação da linguagem. Por um lado, as abordagens linguísticas tradicionais, como o estruturalismo e o gerativismo, se limitam a definir o sistema linguístico monolíngue e prototípico como objeto de suas teorias gramaticais, sendo esse concebido, geralmente, de modo coerente e idealmente homogêneo. Além disso, segundo essa visão, os efeitos do contato entre línguas não são compreendidos como parte da estruturação linguística, mas como fenômenos extralinguísticos. Dessa forma, teorias tradicionais sustentam a assunção da “coexistência e potencial interferência de sistemas monolíngues que são acessados, processados e usados por falantes multilíngues” (HÖDER, 2018). Em contraponto a essas abordagens, Höder (2018) defende a legitimação de uma perspectiva alternativa que reconheça e analise os impactos do contato linguístico na própria estrutura linguística e que o compreenda como uma característica prototípica da linguagem humana e não como uma anomalia. Segundo o autor, há uma série de argumentos que devem ser considerados.

Primeiramente, há de se reconhecer que o contato linguístico é onipresente e, por isso, faz parte da comunicação cotidiana de muitos falantes multilíngues na maioria das sociedades ao redor do mundo. O conhecimento multilíngue e o uso de diferentes idiomas são, portanto, global e historicamente, a regra e não a exceção. E mesmo falantes multilíngues que não possuem um nível de proficiência elevado em todas as suas línguas são competentes o suficiente para usá-las para diversos propósitos comunicativos (OKSAAR, 1980: 43). O segundo ponto a ser levado em conta é de que as línguas interagem naturalmente na cognição de falantes multilíngues, ou seja, o armazenamento e o processamento linguístico, tanto da L1 quanto das línguas adicionais, são realizados, cognitivamente, de forma conjunta, não isolada. Nesse sentido, o conhecimento

multilíngue deve ser descrito como um sistema linguístico único ao invés da soma de competências individuais monolíngues (GROSJEAN, 1989).

O terceiro ponto diz respeito aos impactos provocados pelo multilinguismo na estrutura linguística. De acordo com Matras (2010), “o impacto estrutural do contato linguístico está longe de ser caótico ou imprevisível, mas normalmente resulta em algum tipo de convergência, ou seja, um aumento na similaridade interlingual”. Em outras palavras, é esperado que a interação estrutural entre diferentes sistemas linguísticos provoque, ordenadamente, a integração de um repertório linguístico multilíngue formado por estruturas linguísticas mais ou menos específicas de cada língua ou variante. Além disso, de uma perspectiva sociolinguística, argumenta-se que o multilinguismo atende às necessidades da comunidade (HÖDER, 2018). Isso quer dizer que comunidades multilíngues possuem formas alternativas de verbalizar informações, e cada uma dessas formas possuem funções sócio-pragmáticas específicas e são aplicadas em diferentes contextos e com diferentes propósitos comunicativos. Vale ressaltar, porém, que o conceito de “comunidade” tratado aqui é um pouco mais amplo, e engloba grupos sociais que são “estável o suficiente em termos de sua estrutura espacial, temporal e social para permitir que convenções linguísticas surjam e se estabilizem.” (HÖDER, 2018)

Por último, é importante considerar que, do ponto de vista científico e em termos estruturais, não é possível distinguir categoricamente uma língua de uma variante ou dialeto, especialmente em situações de contato linguístico. A noção de língua nacional, por sua vez, serviu durante muito tempo (e ainda serve) para constituir uma identidade nacional e linguística de um grupo de indivíduos, idealmente homogêneo, pertencentes ao mesmo país ou comunidade nacional. Portanto, o *status* de língua atribuído a uma variante, muitas vezes idealizada, é resultado de ideologias nacionalistas que são preservadas desde a criação do Estado-Nação (ANDERSON, B. 1983). De modo favorável, Höder (2018) defende o seguinte ponto de vista:

A ideia de que o conhecimento linguístico é organizado em termos de ‘línguas’ é, de fato, em si mesma uma espécie de estrutura teórica: o axioma de que o que uma gramática descreve é uma ‘língua’. Esta noção de ‘língua’, no entanto, é um conceito pré-científico, tradicional, refletindo, é claro, aspectos interessantes e relevantes da história social, ideológica, cultural e sociolinguística de muitas (mas não todas) comunidades de falantes, mas não é um conceito auto-evidente ou auto-explicativo em relação a um modelo sócio-cognitivamente realista de conhecimento linguístico. (HÖDER, 2018)

Outro ponto importante é o fato de que não existem indivíduos monodialetais, isto é, falantes que usam somente uma variedade de uma língua em todos os contextos comunicativos nos quais estão inseridos. Dessa forma, se considerarmos o multilinguismo de uma forma mais ampla a fim de abarcar usos de diferentes variedades (como geográficas e dialetos sociais) e registros de uma mesma língua, perceberemos que, assim como não existem falantes monodialetais, também não existem falantes monolíngues. Além disso, no quadro abaixo, vemos que as situações de contato linguístico vão muito além do famigerado contato entre línguas nacionais:

Tipos de contato	Situações de contato (pressões sociodiscursivas)	Casos de Competição (transferência/interferência e (super)generalização)
Contato entre línguas nacionais	Uso constante de duas línguas diferentes em uma mesma região em função de diversas questões históricas, geográficas ou sociais.	Falantes apresentam marcas da língua política ou quantitativamente majoritária, que acabam por ser incorporadas no uso da língua minoritária, fazendo emergir tipos de diassistemas (e.g. variantes de línguas, pidgins, crioulos) com diaconstruções comuns à L1 e à L2.
Contato entre modalidades (interferência intermodal)	Práticas letradas que se aproximam de suas contrapartes no âmbito da fala.	1. Falantes imersos em certos domínios profissionais (e.g. jornalístico, acadêmico e jurídico) aproximam usos característicos de gêneros escritos, em que se percebem competidores da modalidade escrita vencendo a competição durante a produção na modalidade falada, mesmo em domínios discursivos não profissionais. Essa competição faz emergir tanto uma cognição multilíngue com propriedades da escrita quanto uma variedade de práticas discursivas híbridas; 2. Usos típicos da modalidade oral que são transpostos para a escrita na mesma língua, ou da modalidade sinalizada para a escrita etc.; 3. Usos típicos da modalidade oral/sinalizada na L1 que são transpostos para a escrita na L2.
Contato de aprendizagem tardia	A aprendizagem da L2 é atravessada por aspectos linguísticos da L1.	Em razão da competição entre novas construções da L2 e as fortes construções da L1, aprendizes precisam inibir, em muitos casos, mas não em todos, os padrões construcionais da L1 (e.g. aspectos morfossintáticos), que geram casos de agramaticalidade na L2

Contato de aprendizagem simultânea	Usos em que ocorrem alternância e/ ou simultaneidade de construções da L1 e da L2.	Bílingues usam competidores (e.g. palavras, idiomatismos) mais salientes de uma das línguas, durante a fala na outra língua. Em casos de contato com línguas de modalidades oral e sinalizada, bílingues oralizam e sinalizam ao mesmo tempo ou alternam as escolhas de uma modalidade para a outra.
------------------------------------	--	--

Quadro 1. Situações de contato linguístico. Fonte: (FREITAS JR et al, 2022)

Em defesa desses argumentos e na busca de descrever a realidade sócio-cognitiva de falantes multilíngues seguindo a hipótese de aquisição baseada no uso, a Gramática de Construções Diassistêmica (GCxD) surge como um modelo gramatical associado à GCBU aplicado a situações de línguas em contato. Conforme esse modelo, portanto, o conhecimento linguístico multilíngue não consiste em uma soma de sistemas gramaticais cognitivamente distintos e separados. Ao contrário, de um ponto de vista sócio-cognitivamente realista, falantes multilíngues possuem um único repertório formado por um conjunto de estruturas linguísticas que, por um lado, compõem subconjuntos idiossincráticos, ou seja, elementos que pertencem exclusivamente a uma língua ou variedade, e estruturas que, por outro lado, compõem subconjuntos comuns, isto é, elementos que são comuns a várias ou todas as línguas do repertório. Dessa maneira, nas palavras de Höder (2018):

A abordagem do repertório, portanto, elimina a ideia de que as estruturas linguísticas pertencem a um sistema linguístico particular a priori e que as línguas são entidades pré-existentes (cf. Höder 2014c: 218). Em vez disso, a especificidade da linguagem dentro de uma comunidade multilíngue reflete a associação pragmática de um elemento linguístico com configurações comunicativas particulares, o que eventualmente resulta em uma restrição convencional a contextos específicos. A especificidade da linguagem, então, é uma propriedade de um elemento que os falantes devem adquirir como parte do significado pragmático desse elemento. No entanto, esta é uma propriedade opcional, pois também existem elementos linguísticos inespecíficos que, embora façam parte do repertório de uma comunidade multilíngue, não se restringem a um determinado conjunto de contextos e, portanto, não pertencem a uma língua específica. (HÖDER, 2018)

Em outras palavras, a abordagem do repertório sugere a formação de um *constructicon* multilíngue que abarca construções específicas de cada língua (chamadas idioconstruções) e construções não-específicas (chamadas diaconstruções). Os esquemas a seguir exemplificam esse

entendimento ao distinguir a perspectiva tradicional sobre o contato linguístico, que argumenta a favor da ideia de gramáticas independentes, e perspectiva da GCxD, que sustenta a formação de apenas um *constructicon* multilíngue:

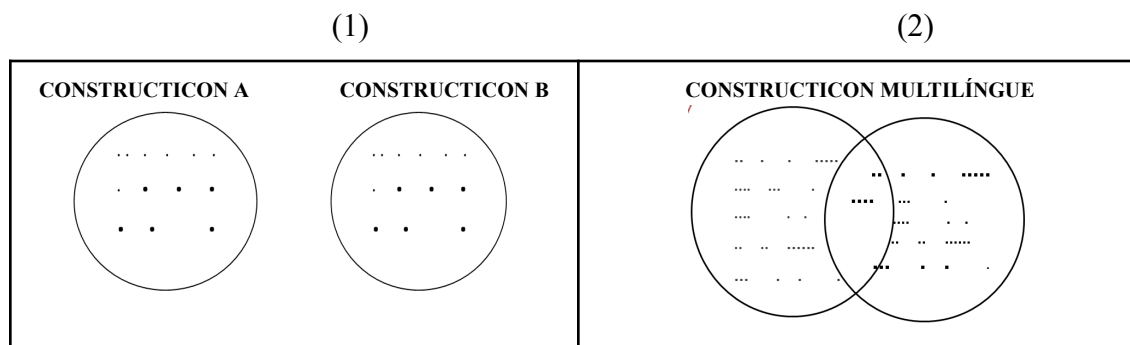


Figura 3. Esquemas representativos da visão tradicional e da visão da GCxD sobre o conhecimento multilíngue. Fonte: (FREITAS JR et al, 2022)

Dessa maneira, na dinâmica de formação do *constructicon* multilíngue, é natural que falantes percebam similaridades e correspondências entre as línguas que integram a gramática e, com isso, estabeleçam links associativos (ou links diassistêmicos) entre idioconstruções através do processo de identificação interlingual, isto é, o “julgamento de que algo na língua nativa e algo na língua-alvo são semelhantes” (ODLIN, 2003: 454). Conseqüentemente, o principal resultado desse mecanismo básico de emparelhamento estrutural é a emergência de conhecimento metalinguístico, ou seja, a emergência de diaconstruções.

De acordo com Höder, a formação de uma diaconstrução envolve três etapas sequenciais. A primeira, como já vimos, diz respeito ao procedimento de identificação interlingual que corresponde a percepção de semelhanças entre construções e a criação de links diassistêmicos entre elas. A partir do estabelecimento de links entre padrões semelhantes ocorre a segunda etapa: a generalização de informações de forma e/ou função entre idioconstruções através de transferência positiva ou negativa de construções da L1 para o uso de uma L2. A transferência positiva é compreendida aqui como o conhecimento de uma idioconstrução da L1 que compatibiliza o uso da idioconstrução de uma L2, enquanto que a transferência negativa refere-se a formação de diaconstruções que ora são muito restritivas, ora muito permissivas em relação ao uso gramatical da L2. Segundo Hilpert (2014):

Diaconstruções que são muito permissivas ou muito restritivas não resultam apenas em enunciados não gramaticais, mas talvez ainda mais significativamente na evitação de estruturas que seriam perfeitamente gramaticais (Ortega 2009: 39). Os aprendizes tendem a evitar padrões para os quais não percebem correspondências claras entre L1 e L2. (HILPERT, 2014)

Por último, a terceira etapa na formação de uma diaconstrução envolve a reorganização do conhecimento linguístico através do processo de mudança pró-diassistemática (HÖDER, 2012), o que significa que algumas informações armazenadas no nível das idioconstruções tornam-se redundantes e as diaconstruções, por sua vez, substituem parcialmente essas informações. Argumenta-se que, por uma questão de economia, falantes multilíngues tendem a maximizar similaridades entre suas línguas ao produzir generalizações interlinguísticas e até mesmo causar mudanças na estrutura linguística de cada língua a fim de torná-las mais semelhantes. A principal manifestação do processo de mudança pró-diassistemática é, portanto, “a perda de restrições linguísticas específicas que estavam presentes em uma idioconstrução, mas que não são mais representadas uma vez que uma diaconstrução foi estabelecida” (HILPERT, 2014). Sendo assim, a formação de diaconstruções não somente resulta na produção de conhecimento metalinguístico, mas também na redução de informação linguística de construções específicas.

Resumidamente, a GCxD caracteriza-se como um modelo de representação gramatical associado aos princípios da GCBU e aplicado a situações de línguas em contato que defende o conhecimento multilíngue como um *constructicon* estruturado por informações linguísticas mais idiossincráticas (idioconstruções) e por informações linguísticas mais gerais (diaconstruções).

3. Metodologia

Com a finalidade de verificar e avaliar a produção e o grau de aceitabilidade de cláusulas Verbo-Sujeito (VS) por falantes adultos, brasileiros e aprendizes de inglês como língua adicional (ILA), foi realizado, no anos de 2019 e 2020, um experimento psicolinguístico *offline* de carácter qualitativo através de exercícios de correção que propunham a leitura e reescrita de sentenças agramaticais que, supostamente, instanciam as diaconstruções investigadas neste trabalho. O experimento era composto por dois testes: o primeiro foi realizado com aprendizes dos níveis básico, intermediário e avançado de inglês, e o segundo somente com aprendizes dos níveis

intermediário e avançado. Em cada nível, houve a participação de 10 aprendizes, totalizando 30 participantes.

No primeiro teste (Teste 1 - Apêndice A), os aprendizes foram solicitados a realizarem as seguintes tarefas: (i) ler sentenças disponíveis em um grupo de frases com problemas de agramaticalidade/aceitabilidade aleatórios, (ii) identificar os possíveis erros nas sentenças apresentadas e (iii) reescrever essas sentenças. Dentre as 25 sentenças apresentadas, 15 funcionavam como distratoras e apenas 10 como sentenças geradoras dos dados que buscávamos para nossa pesquisa.

As sentenças geradoras de dados do Teste 1 estão apresentadas a seguir junto com dois exemplos de distratoras:

There's lots of restaurants around the corner. (distratora)

The piano was in good condition. (distratora)

*Journalists have to stay calm **when happens a tragedy.***

*In front of the city hall **always occurs a strike.***

***It exists the possibility** that we will get together soon.*

*Mary said that **it appeared a man** in front of the house last night.*

*I heard on the news that **was seen a man** escaping from prison.*

*Some people believe that **exist life** on other planets.*

***Was shocked the local community** by the murders.*

*Last night **appeared a black cat** at my window.*

*He was telling the police **when exactly occurred the accident.***

***It was prepared a show** in honor of Madonna.*

Em negrito estão salientados casos de sujeito posposto nas sentenças em inglês e que, por isso mesmo, implicaram em agramaticalidade. O objetivo do teste, resumidamente, foi a verificação dos índices de aceitabilidade dessas sentenças nos 3 níveis de fluência trabalhados. As sentenças estavam na voz ativa e passiva e com ou sem a presença do pronome *It* não referencial anteposto ao verbo ou perífrase verbal.

Na sequência, apresentamos, também, o extrato para o experimento do Teste 2 (Teste 2 - Apêndice B):

An exploratory, descriptive study of the practice of male nurses in the Private Hospital Network (P.H.N.) was done with the purposes of identifying the tasks they perform, checking their feelings towards their job and analyzing the impelling and/or restrictive factors involved in

*the performance of the male nurse's professional activity. The population studied comprised the practitioners at Goiânia's P.H.N., with each hospital having up to 40 or more beds. **Were obtained the data** by questionnaire. The study showed that there are few male nurses in the P.H.N.; and that there are a number of institutions where this professional is not found. For the most part, the male nurses are engaged in administrative work and professional misplacement.*

Nesse segundo teste do experimento, os participantes foram solicitados a ler um pequeno trecho retirado de um abstract de uma dissertação do CCS-UFRJ e a responder uma questão distratora de interpretação textual, além de identificar a sentença agramatical disponível e reescrevê-la de forma a rejeitar a ordenação VS, o único problema de agramaticalidade do texto apresentado. Obviamente, os indivíduos não sabiam nada sobre a natureza do problema gramatical.

4. Análise e resultados

Considerando os contextos verbais investigados neste trabalho, assumimos que o alto grau de consolidação (*entrenchment*) das construções [(X)VSN] e [(X)VauxVpp SN]¹ no PB resultaria no bloqueio de aquisição das construções [SV] ativas e passivas inglesas. Em outras palavras, a aquisição da construção usual da língua alvo parece ser enviesada pelo impacto do alicerçamento das construções [(X)VSN] e [(X)VauxVpp SN] na L1 dos aprendizes brasileiros. Os fatores condicionantes de aquisição linguística apontados por Goldberg (2019) como preempção estatística, aprendizagem guiada pelo erro, idade e *coverage*, relacionam-se diretamente com essa afirmação.

Por exemplo, no que diz respeito aos efeitos de preempção estatística, isto é, os efeitos de bloqueio de uma determinada construção desencadeados pelo falante nativo de uma língua à vista da seleção de outra construção frequentemente utilizada para a mesma função comunicativa, eles serão afetados à medida que os falantes continuem acessando as construções disponíveis em sua L1, provocando, assim, interferências e (super)generalizações, mesmo não tendo sido expostos a dados agramaticais do padrão oracional investigado neste trabalho. Ainda, em relação aos conceitos de informatividade e focalização, o *coverage*, além de intensificar a transferência de uso das construções do PB para o uso na L2, também atua como fator resultante

¹ Sobre o assunto, sugerimos a leitura de Freitas Jr. e Alonso (2016), Freitas Jr e Marques (2019) e Marques e Freitas Jr. (2018).

do bloqueio motivado pelo alto grau de consolidação das construções da L1. De maneira concisa, o conhecimento linguístico prévio afeta os fatores postulados por Goldberg (2019) no que diz respeito à emergência da gramática, causando distinção entre os processos de aquisição de L1 e L2, principalmente nos primeiros estágios de aquisição de uma L2.

Além da evidenciação dos efeitos do entrenchamento das construções que afetam os fatores de aquisição linguística (GOLDBERG, 2019) ao passo que diferem os processos de aprendizagem de L1 e L2, é possível observar que eles também causam efeitos na configuração do *constructicon* multilíngue. Analisando a emergência e a configuração do conhecimento gramatical pela perspectiva da GCxD, verificamos que o entrenchamento das construções [(X)VSN] e [(X)VauxVppSN] do PBL1 produz efeitos na estruturação da cognição multilíngue, sobretudo em consequência dos processos cognitivos de domínio geral como a categorização e analogia, contribuindo com a criação de *links* diassistêmicos e novas abstrações.

Os resultados gerais da pesquisa falam, assim, a favor da forte aceitabilidade das cláusulas VS apresentadas no experimento. A Tabela 1 apresenta os resultados gerais do Teste 1:

Sentenças	BAS	INT	ADV
(C) Journalists have to stay calm when happens a tragedy .	100%	90%	80%
(D) In front of the city hall always occurs a strike	100%	100%	90%
(E) It exists the possibility that we will get together soon.	50% (5) there is	90% (1) there is	70% (2) there is
(F) Mary said that it appeared a man in front of the house last night.	100%	100%	50%
(G) I heard on the news that was seen a man escaping from prison.	100%	90% (1)it has been seen a man	50%
(H) Some people believe that exist life on other planets.	90% (1) there is	70% (3) there is	80% (1) there is
(I) Was shocked the local community by the murders.	100%	60%	50%
(J) Last night appeared a black cat at my window.	90%	100%	50%
(K) He was telling the police when exactly occurred the accident .	100%	100%	80%
(L) It was prepared a show in honor of Madonna.	100%	100%	70%

Tabela 2: Resultado de aceitabilidade das sentenças do Teste 1

Como descrito na Tabela 2, houve 100% de aceitabilidade por parte dos indivíduos do nível básico em quase todas as frases, excetuando-se as sentenças **E** (50%), **H** (90%) e **J** (90%). Nas duas primeiras sentenças (E/H), entretanto, não houve necessariamente uma rejeição à ordenação VS, já que não fizeram uma troca pela alternativa SV, mas a correção pela construção *there to be* no lugar do verbo *to exist*². No que diz respeito ao fenômeno tratado aqui, os resultados indicam, com bastante clareza, forte impacto da representação cognitiva da L1 no processo de aquisição de L2.

Por outro lado, embora os aprendizes de nível não inicial ainda demonstrem alta propensão aos efeitos de bloqueio, é notável que, no nível intermediário por exemplo, houve uma certa diminuição no nível de aceitabilidade. Esses resultados podem apontar, sobretudo, para a eficácia dos efeitos de preempção estatística nesse estágio do processo de aquisição. Em vista disso, partindo da premissa de que as formulações que são testemunhadas pelos falantes competem com outras formulações que podem ser usadas em um determinado contexto, é possível afirmar que os efeitos da exposição a cláusulas SVs ativas e passivas do inglês aparentam resultar no maior bloqueio do uso agramatical transferido da L1. Em termos mais específicos, isso significa que as diaconstruções [(X)VSN] e [(X)Vaux Vpp SN] foram reexaminadas cognitivamente em resultado da emergência das construções [SV] ativas e passivas gramaticais da língua inglesa.

Da mesma forma, os índices do nível avançado sugerem novo rearranjo do *constructicon* multilingue de alguns dos participantes. Houve 90% de aceitabilidade nas sentenças **C**, **E** e **G**, 70% na **H**, e 60% de aceitabilidade na sentença **I**. Porém, nas correções das sentenças **E** e **H**, os aprendizes do intermediário também optaram pela construção *there to be* ao invés do verbo *to exist*, mas não pela opção SV. Curiosamente, por exemplo, um indivíduo reformulou a ordenação VS na sentença **G** por *it has been seen a man*: apesar de possivelmente ter percebido certa irregularidade, a ordenação verbo-sujeito (VS) foi mantida e com ela a agramaticalidade.

No nível avançado, houve menor índice de aceitabilidade em todas as sentenças em comparação com os outros níveis. E, assim como nos níveis básico e intermediário, alguns alunos do avançado também optaram pela substituição do verbo *to exist* pela construção *there to be* nas sentenças **E** e **H**. Vale ressaltar que, independentemente da diminuição geral dos

² As opções de correção são apresentadas na tabela logo abaixo dos índices.

indicadores, e mesmo sendo uma pesquisa de caráter inicial, os resultados mostram também no nível avançado forte inclinação de não captação das questões de agramaticalidades das sentenças por parte do aprendiz brasileiro. Na realidade, percebe-se a partir desses resultados que há uma certa distribuição aleatória de percepção de agramaticalidade. Isso pode indicar que alguns itens verbais são mais imediatamente bloqueados na sequência vocabular agramatical em questão, muito provavelmente em função da frequência de uso de cada verbo.

No Teste 2, aquele que consistia em um texto onde encontrávamos a sentença agramatical *were obtained the data by questionnaire*, houve também forte aceitabilidade da sentença, apesar de os indivíduos não serem mais do nível básico de proficiência :

INT	ADV
<p style="text-align: center;">90%</p> <p>(1)We obtained the data by questionnaire</p>	<p style="text-align: center;">50%</p> <p>(1)The data by questionnaire were obtained. (1)Data from the questionnaire were obtained. (2)The data were/was obtained by questionnaire. (1)Data were obtained by questionnaire.</p>

Tabela 3: Resultado de aceitabilidade das sentenças do Teste 2

Foi observado 90% de aceitabilidade da sentença agramatical no nível intermediário e 50% no nível avançado, como descrito na tabela, que ainda mostra as correções feitas pelos alunos ao perceberem o problema da inversão.

Em suma, os resultados gerais do experimento indicam, em todos os níveis de proficiência, alto grau de aceitabilidade das sentenças que supostamente instanciam as diaconstruções [(X)VSN] e [(X)VauxVppSN]. Com isso, os resultados evidenciam questões relevantes sobre a aquisição, o processamento e o uso de línguas adicionais através da demonstração empírica dos fatos, confirmando os pressupostos do modelo da GCxD e de Goldberg (2019), sobretudo no que diz respeito à relação entre exposição e emergência da gramática e à própria estrutura da cognição multilíngue.

Considerações finais

Apesar de os resultados do experimento serem incipientes, eles fornecem dados interessantes para o arcabouço teórico abordado neste trabalho e indicam que as diaconstruções

[(X)VSN] e [(X)VauxVppSN] podem ser representadas cognitivamente no *constructicon* multilíngue de falantes do PB como L1 e de inglês como língua adicional, principalmente nos níveis mais básicos do processo de aquisição de L2. Além disso, observou-se que quanto maior for a exposição ao input, aos dados usuais da L2, menor é a interferência de efeito das construções entrincheiradas da L1 que contribuem para a supergeneralização e para a formação de diaconstruções como a [(X)VSN] e a [(X)VauxVppSN].

Referências

ANDERSON, S. R. On the role of deep structure in semantic interpretation. **Foundations of Language**, v.7, n.3, p.387-396. 1971.

ANDERSON, B. **Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism**. Londres: Verso Book, 1983. p.256

BENCINI, G. M. L.; GOLDBERG, A. E. The Contribution of Argument Structure Constructions to Sentence Meaning. **Journal of Memory and Language**, v.43, n.4, p. 640-651. 2000.

BYBEE, J. **Língua, Uso e Cognição**. Tradução: Maria A. F. da Cunha. São Paulo: Editora Cortez, 2016. p. 384.

BORKIN, A. **Problems in form and function**. Norwood, NJ: Ablex. 1985. p. 162.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart & Winsto, 1933.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CHOMSKY, N. **The generative enterprise revisited: discussions with Riny Huybregts, Henk van Riemsdijk, Naoki Fukui and Mihoko Zushi**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004.

CROFT, W. **Construction grammars: cognitive groundings and theoretical extensions**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 273-314.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965. p. 251.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Mouton. 1957.

DUTCHER, N.; TUCKER, G.R. The use of first and second languages in education: A review of educational experience. Washington, DC: World Bank, East Asia and the Pacific Region, Country Department III. 1994.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

DIESEL, H. Usage-based Construction Grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. **The Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2015.

FREITAS Jr., R. de. A constituição discursivo-gramatical da construção (X)VS em inglês como L2: indícios de formação da interlíngua. **Gragoatá**. v. 19, n.36, p. 135-156. 2014.

FREITAS Jr., R. de. **Reflexos pragmáticos-discursivos da L1 na aquisição e inglês como L2: um estudo sobre o uso da cláusula VS**. 2006. 128 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

FREITAS Jr., R. de. **A constituição discursivo-gramatical da construção (X) VS em inglês como L2: indícios de uma formação da interlíngua**. 2011. 223 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

FREITAS Jr, R. de et al. A gramática de construções diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso / Diasystematic Construction Grammar: a Usage Based Acquisitional Approach. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 606-634, mar. 2022.

FORD, C.E.; FOX, B. A.; THOMPSON, S. A. Constituency and the grammar of turn increments. In: **The Language of Turn and Sequence**. Oxford: Oxford University Press. p. 14-38, 2002

FILLMORE, C. B. Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: University Press, 2013.

FILLMORE, C. J. The case for case. In: **Universals in linguistic theory** (pp. 1–88). New York: Holt, Rinehart and Winston. p.1-88, 1968.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M.C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of Let Alone. **Language**, v. 64, n.3, p. 501-538. 1999.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1995

GOLDBERG, A. **Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions**. New Jersey: Princeton University Press, 2019.

GOLBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995

GREEN, G. **Semantics and syntactic regularity**. Bloomington, IN: Indiana Univ. Press, 1974.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GROSJEAN, F. Neurolinguists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. **Brain and language**. v. 36, n. 1, p. 3-15. 1989

HÖDER, S. A constructionist view on multilingual words: language as an inflectional category? Conferência proferida na ABRALIN ao vivo: Linguistics On-line, em 16/12/2020. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/steffen-hoder/>

HÖDER, S. Grammar is community-specific. Background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. In: **Constructions in Contact: Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages**. Benjamins Publisher, 2018.

HOPPER, P. J. Emergent Grammar and the a priori grammar constraint. In: **Linguistics in Context: Connecting Observation and Understanding**. p. 117-134. Norwood, NJ: Ablex, 1988.

HEALY, A.; MILLER, G. The verb as the main determinant of sentence meaning. **Psychonomic Science**. v.20, 372. 1970

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

JACKENDOFF, R. Twistin' the night away. **Language**. v. 73, n.3, p. 534–559. 1997.

LANGACKER, R.W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Volume 1, Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987

LAKOFF, G. Cognitive models and prototype theory. In: **Concepts and conceptual development: Ecological and intellectual factors in categorization**. p. 63–100. Cambridge University Press, 1987

LANGACKER, R. W. **Concept, image and symbol**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991.

MICHAELIS, L.; LAMBRECHT, K. Toward a construction-based theory of language function: The case of nominal extraposition. **Language**, v. 72, n. 2, p. 215–247. 1996

MATRAS, Y. Contact, convergence, and typology. In: **The handbook of language contact**. p. 66–85. Malden: Wiley-Blackwell, 2010.

OKSAAR, E. Mehrsprachigkeit, Sprachkontakt und Sprachkonflikt. In: **Sprachkontakt und Sprachkonflikt**. p. 43–52. Wiesbaden: Steiner, 1980

ODLIN, T. Cross-linguistic influence. In: **Handbook of second language acquisition**. p. 436–486. Oxford: Blackwell, 2003

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: **Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem**. Campos: Brasil Multicultural, 2016

PARTEE, B. H. **Subject and object in modern English**. New York: Garland, 1965

PINKER, S. **Learnability and cognition: The acquisition of argument structure**. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

RAPPAPORT H.; Levin, M.B. Building verb meanings. In: **The projection of arguments: Lexical and compositional factors**. p. 97-134. Stanford, CA: CSLI Publications, 1998

SANTOS, A. S.; SILVA, C. R.; MARTELOTTA, M. E. Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso. **Revista do Gel**. v. 17, n. 1, p. 319–323. 2012.

TOMASELLO, M. **Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition**. Harvard University Press, 2003

VIGOTSKI, L. S. O significado histórico da crise da psicologia. In: **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WORLD BANK. **Priorities and strategies for education**. Washington, DC: The International Bank for Reconstruction and Development. 1995

WIERZBICKA, A. **The semantics of grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

APÊNDICE 1

Diagnostic test 1

- 1- Read, circle the mistakes and rewrite the sentences in the correct form. (not all sentences have mistakes)
- a) There's lots of restaurants around the corner.
 - b) The piano was in good condition.
 - c) Journalists have to stay calm when happens a tragedy.
 - d) In front of the city hall always occurs a strike.
 - e) Each man and each woman have the right to vote.
 - f) It exists the possibility that we will get together soon.
 - g) I'm not used to drive in busy streets.
 - h) Mary said that it appeared a man in front of the house last night.
 - i) They was really close friends.
 - j) I heard on the news that was seen a man escaping from prison.
 - k) The news maded him very happy.
 - l) It happened a party at the suburbs yesterday.
 - m) He spend the whole day writing.
 - n) Some people believe that exist life on other planets.
 - o) This is one of our most popular designs.
 - p) Was shocked the local community by the murders.
 - q) If you look carefully, you from here can just see our house.
 - r) Last night appeared a black cat at my window.
 - s) I'm going to have to find pretty soon a new apartment.
 - t) He was telling the police when exactly occurred the accident.
 - u) The company has lost a lot of business to its competitors this year.
 - v) It was prepared a show in honour of Madonna.
 - w) We've found a great new restaurant near the office.
 - x) How old is these buildings?
 - y) These events affected the daily lives of millions people.

APÊNDICE 2

Diagnostic test 2

- 1- Read the text below and answer the questions that follow:

An exploratory, descriptive study of the practice of male nurses in the Private Hospital Network (P.H.N.) was done with the purposes of identifying the tasks they perform, checking their feelings towards their job and analyzing the impelling and/or restrictive factors involved in the performance of the male nurse's professional activity. The population studied comprised the practitioners at Goiânia's P.H.N., with each hospital having up to 40 or more beds. Were obtained the data by questionnaire. The study showed that there are few male nurses in the P.H.N.; and that there are a number of institutions where this professional is not found. For the most part, the male nurses are engaged in administrative work and professional misplacement.

- 1) What kind of text is it? What is the text about? (ANSWER IN PORTUGUESE)

- 2) Identify possible mistakes in the following extracts and, if so, rewrite them:

“The population studied comprised the practitioners at Goiânia's P.H.N., with each hospital having up to 40 or more beds. Were obtained the data by questionnaire. The study showed that there are few male nurses in the P.H.N.”

“[...] there are a number of institutions where this professional is not found. For the most part, the male nurses are engaged in administrative work and professional misplacement.”
